

□ Tempo de leitura: 20 min.

O padre Tito Zeman (1915-1969), salesiano eslovaco, viveu sua vocação sacerdotal com radicalidade evangélica até o martírio. Quando criança enfrentou a provação da doença e, curado pela intercessão de Maria, amadureceu a decisão de se consagrar a Deus entre os Salesianos. Obstaculizado pela família e pelas circunstâncias, entrou mesmo assim na congregação e foi ordenado sacerdote em 1940. Durante a perseguição comunista na Tchecoslováquia, arriscou a vida para acompanhar clandestinamente além da fronteira numerosos clérigos e sacerdotes, para que pudesse continuar a formação e receber a ordenação. Traído e preso em 1951, sofreu torturas e 13 anos de dura prisão, vivendo a dor como oferta de amor. Sua fé fez renascer muitos companheiros de cela e até alguns perseguidores que, arrependidos, pediram perdão. Beatificado em 2017, padre Tito deixa uma mensagem extremamente atual: a liberdade se preserva na fidelidade à consciência, a verdade se defende com amor e a vocação se realiza dando a vida pelos outros.

1. Breve perfil biográfico do P. Tito Zeman

1.1. O limite confiado: Tito da doença à cura

Quem é o P. Tito Zeman?

Ele nasceu em Vajnory, um pequeno subúrbio agrícola nos arredores de Bratislava, em 4 de janeiro de 1915, o primeiro de dez irmãos e irmãs. Frequentemente doente, foi subitamente curado na primavera de 1925 pela intercessão da Virgem Maria, depois de confiar-se a ela e pedir aos peregrinos que rezassem no Santuário de Nossa Senhora das Dores em Šaštin. Tito havia prometido a Maria que, se ela o curasse, “ele se tornaria seu filho para sempre”, incluindo nessa fórmula simples uma firme intenção de consagração. Os filhos de Dom Bosco haviam chegado a Šaštin no ano anterior, e o raciocínio do menino Tito é: “Fui curado por Nossa Senhora venerada em Šaštin. Os salesianos moram lá. Portanto, a casa de Maria é a casa dos salesianos. Então eu também serei salesiano”.

O P. Tito tinha experimentado o limite (da saúde) e o tinha superado confiando-o (a Maria).

1.2. O limite rompido às pressas: Tito e a conquista da vocação

Tito nunca havia insinuado uma possível vocação.

Os pais e o pároco se opuseram firmemente a ela e o testaram por dois anos.

Quando uma tia finalmente o acompanha a Šaštin, ela até tenta fazer um acordo

com o então diretor da obra, P. José Bokor, para pressionar o jovem a ceder. Os Zemans eram muito pobres e tinham medo do enorme compromisso financeiro necessário para estudar para o sacerdócio.

O P. Bokor desafia Tito. Ele o lembra de que ele seria o mais jovem. Que o lugar ficava perto de um pântano e que era preciso se lavar com água fria. Que quando ele tivesse vontade de chorar, não haveria uma mãe para consolá-lo. Naquela época, o pequeno Tito era muito magro, ainda um pouco franzino. Talvez ele parecesse mais jovem do que seus 12 anos. Ele não vinha de obras salesianas, não conhecia Dom Bosco. Para o P. Bokor, ele era um menino que tinha aparecido do nada.

Tito, porém, foi inflexível. A um P. Bokor atônito, ele respondeu: “O que o senhor está dizendo? É verdade que não terei minha mãe terrena aqui, mas existe a Virgem Maria, a Mãe das Mães”: ela exerceria a função de mãe. Finalmente, ele conclui: “Podem fazer o que quiserem comigo, mas me deixem aqui!”. Para seus pais, ele chega a dizer: “Se eu tivesse morrido, certamente vocês teriam encontrado o dinheiro para o meu funeral. Por favor, usem esse dinheiro para meus estudos”. Tito lutou, surpreendeu a todos e venceu: ele será padre salesiano.

As etapas de sua formação o levaram a emitir os votos perpétuos em 7 de março de 1938, em Roma, na Basílica do Sagrado Coração, e a ser ordenado sacerdote em 23 de junho de 1940, em Turim, na Basílica de Maria Auxiliadora.

Pouco antes de sua profissão perpétua, Tito ofereceu alguns anos de sua vida a Deus por sua mãe, que estava muito doente na época e que continuaria a viver após a oferta de seu filho, dando-lhe também sua última irmãzinha (Františka, nascida em 1939).

No entanto, logo após sua ordenação sacerdotal, ele teve que deixar a Itália e voltar para casa por causa do drama da guerra.

Em 2 de agosto de 1940, por ocasião da primeira missa em sua terra natal, alguns pães foram encontrados queimados por dentro, como se tivessem uma cor vermelho-sangue: o evento foi interpretado como um presságio de martírio.

Primeiro como estudante e depois, laureado em Química e Ciências Naturais, o P. Tito lecionou ciências na escola. Em 1946, o diretor comunista do instituto mandou retirar o símbolo da cruz das salas de aula. O P. Tito, com outros dois, recolocou os crucifixos (se necessário, pedindo aos salesianos que lhe dessem os seus): foi um ato de amor ao Senhor, mas também de justiça para com os crentes, aos quais a *Constituição* daquela época ainda garantia formalmente a plena expressão da liberdade religiosa. Ele foi demitido, mas em toda a Eslováquia começou a ser identificado como o “padre que defendeu a cruz de Cristo”.

O P. Tito havia experimentado o limite da oposição e a resolveu confrontando-a.

1.3. O limite previsto e contornado: Tito e as travessias do Morava

Tito teve a mesma prontidão quando, em 1950, após a Noite dos Bárbaros (13-14 de abril), todos os religiosos da então Tchecoslováquia foram internados em campos de concentração; os superiores foram separados de suas comunidades; os mais jovens foram mandados para casa ou alistados nos batalhões técnicos auxiliares; os que estavam próximos do sacerdócio foram impedidos de concluir seus estudos de teologia para serem ordenados. O P. Tito, então, com o P. Ernesto Macák e o P. Francisco Reves, preparou um corajoso empreendimento para salvar as vocações. O P. Tito acompanharia os clérigos salesianos e alguns sacerdotes diocesanos até a parte não soviética da Áustria e depois iria com os estudantes de teologia até Turim.

Ele então cruzou o Morava, que marca a fronteira entre a Eslováquia e a Áustria:

- entre agosto e setembro de 1950 (passagem do primeiro grupo);
- outono de 1950 (quando ele retorna sozinho para sua terra natal);
- também no outono de 1950 (quando ele acompanha o segundo grupo);
- em março/abril de 1951 (quando retorna sozinho à sua terra natal, em meio a grandes riscos e dificuldades);
- em abril de 1951 (quando é capturado na fronteira).

Em setembro de 1950, Tito se encontra com o então Reitor-Mor, P. Pedro Ricaldone, em Turim: ele recomenda cautela, mas abençoa o empreendimento que Tito até então – impossibilitado de pedir autorização aos seus superiores eslovacos, presos em campos de concentração – havia entendido como *obediência presumida*.

Em janeiro de 1951, ele passou por um intenso momento de crise e conversão, que viria a ser decisivo.

Em abril de 1951, ele foi capturado – quando já poderia ter se salvado – porque decidiu diminuir o ritmo para ajudar alguns padres cansados e ficou com os seus, *amando-os até o fim*, como o Bom Pastor que não foge quando o lobo se aproxima, mas dá a vida.

O P. Tito havia pressentido o limite e o administrou antecipando-o e contornando-o.

1.4. O limite que se torna luz e caminho: a “vocação dentro da vocação”

Digna de especial relevância, portanto, é a passagem de janeiro de 1951, não “exterior”, mas “interior”. Naquela época, Tito estava preso na Áustria e sabia que o regime estava em seu encalço. Ele, um homem de ação e iniciativa, agora se via à mercê de situações fora de seu controle: um inverno rigoroso demais para tentar atravessar o Morava; uma situação global de alerta; um guia de confiança, injustamente acusado de roubo, ainda na prisão; atrasos contínuos e exasperantes. Ele então escreveu uma carta intensa e dramática para seu amigo Miguel Lošonský-

Želiar. É 21 de janeiro e, na carta, Tito expressa: desorientação, medo, dúvida, cansaço, o peso da tentação. Ele até escreve: “e se você acabasse nas mãos deles [Tito se pergunta], poderia pedir a ajuda de Deus, porque três vezes o plano foi alterado? Não lhe bastou a tríplice advertência, e você realmente quis fazer de si mesmo um herói, como lhe foi dito por outros, e achou que Deus tinha seus próprios planos [...]?” Aqui, Tito esqueceu até mesmo a força e a graça da obediência ao Reitor-Mor; nenhuma luz brilha dentro dele...

Alguns dias depois, no entanto, Tito escreve uma segunda carta a Miguel. Ela é completamente diferente. Ele cita e comenta algumas passagens da Liturgia da Palavra do dia, que ele proclamou durante a Santa Missa e que havia se tornado uma intensa experiência de conversão: acima de tudo, as frases do Evangelho (“não tenha medo... você vale mais do que muitos pardais”) e da Primeira Carta de João sobre a obrigação de entregar a própria vida pelos irmãos.

Por meio dessa passagem particularmente dolorosa, Tito confronta sua própria limitação (medo, angústia, dúvida): ele a supera na medida em que a confia a Outro e permite que Sua Palavra leia sua vida e a converta. As leituras desse dia se tornam a resposta a todas as perguntas de Tito; a dissolução de suas dúvidas; a “voz predominante” que se impõe a tantas outras vozes (até mesmo de irmãos) segundo as quais Tito estava cometendo um erro. Assim, durante a novena a Dom Bosco, em 1951, Tito – sempre forte – por uma vez se sentiu fraco: havia compreendido que os “limites” e as “fronteiras” nunca são ultrapassados na solidão. Logo depois, 13 anos nas duras prisões o aguardavam; a possibilidade concreta da sentença de morte e, em seguida, a definição como *m.u.k.l.* ou “homem destinado à eliminação”; quase cinco anos finais em liberdade condicional, sempre fortemente controlado, humilhado e, finalmente, tratado como cobaia para experimentos.

O P. Tito havia cruzado o limite ao prová-lo.

1.5. O limite derrotado por dentro: 18 anos de tortura e humilhações

Durante toda a parte central de sua vida adulta (ou seja, dos 36 anos até os 54 recém-completados), o P. Tito foi privado da liberdade de movimento e iniciativa. Ele foi preso no Castelo de Bratislava, em Leopoldov, Jáchymov, Mírov, Valdice... Na terrível “Torre da Morte” em Jáchymov, ele tritura manualmente uranita, que é altamente radioativa e cujo pó o impregna totalmente. Ele experimenta a terrível realidade do confinamento solitário. Ele é humilhado e espancado só porque “é Zeman”. A desnutrição e a tortura também foram ferozes e, para ele, foram renovadas quando foi chamado para testemunhar no julgamento do “P. Bokor e seus companheiros”: o próprio P. Bokor, o diretor que finalmente teve de aceitá-lo

quando, aos 12 anos, Tito o fez entender, em Šaštín, que sua vocação era verdadeira...

Na prisão, Tito fez um rosário muito pessoal, no qual um simples fio ligava pequenas contas feitas de migalhas de pão. Ele fez uma conta para cada período de tortura: elas se tornariam 58... Na prisão, ele experimentou uma profunda identificação com o *Ecce homo*: sem Ele, Tito admite, nada teria sido suportável para ele. Nesse meio tempo, ele experimentou graves problemas cardíacos, neurológicos e pulmonares, diretamente relacionados à redução de sua vida.

São 18 anos em que Tito, unido ao seu Senhor, aprende a derrotar a limitação a partir de dentro: ele vence porque um Outro vence *nele, com ele e por ele*. Santo Agostinho diz sobre os mártires: “Aquele que viveu neles venceu neles”.

Nesses anos, Tito entende que o mal pode atacar o físico, mas não pode quebrar a alma, a adesão a Cristo, a dedicação à Igreja. E assim, se sua resistência moral e espiritual (que os perseguidores tentam em vão derrotar, até mesmo por meio de algumas torturas particularmente humilhantes) leva o regime a se enfurecer ainda mais, ele experimenta que é possível permanecer livre mesmo quando tudo quer escravizá-lo; que nada está perdido, se no momento presente se ama. Assim, ele tem a morte dentro de si, mas consegue dar alegria aos outros.

Ele vive com alguns (ortodoxos e protestantes) uma intensa experiência de ecumenismo “de sangue”: “nem mesmo um Concílio”, dizem essas pessoas, “jamais teria conseguido nos unir dessa maneira”. Assim, o mal do comunismo desenfreado reconstitui – em seus corações reconciliados – uma unidade que outros males haviam dilacerado nos séculos anteriores. A fidelidade dessas amizades sempre acompanhará Tito: ele morrerá nos braços de um padre capuchinho que lutou como ele na prisão; o pastor evangélico Dr. José Juráš estará presente em seu funeral.

O P. Tito havia cruzado o limite ao habitá-lo.

1.6. O limite esvaziado e reconciliado: após a morte do P. Tito

Em 8 de janeiro de 1969, o dia do nascimento do P. Tito para o céu, havia um último limite a ser rompido: o reconhecimento do erro por parte do perseguidor. Há muito tempo, Tito havia perdoado seus perseguidores, mantendo um silêncio heroico em relação a eles, mesmo durante o período de liberdade condicional. Mas eles? Com o fim da “Primavera de Praga” e, no ano anterior, com o retorno dos exércitos soviéticos, parecia que o P. Tito (e os outros) estavam condenados ao esquecimento: a última palavra sobre sua vida foi escrita pelo próprio perseguidor. O curso dos acontecimentos, no entanto, torna-se surpreendente nesse ponto. Ainda em meio ao comunismo, no mesmo ano de 1969, um julgamento reconhece

uma primeira parte dos erros cometidos pelo tribunal na condenação de Tito como “agente secreto/espião do Vaticano” e “traidor”: fraude, distorções, instrumentalização são admitidas. O *odium fidei* [ódio da fé] se torna evidente. Em 1991, após a queda do regime, a acusação adicional de “travessia ilegal da fronteira” foi finalmente retirada. O padre Tito era, portanto, inocente. Foi o mesmo regime que o condenou, condenando a si mesmo – apenas alguns meses após a morte de Tito.

Entretanto, uma ferida permaneceu aberta entre Tito e seus perseguidores. Os documentos do tribunal agora confirmavam a inocência do “P. Tito e seus companheiros”. Entretanto, a oposição e o ódio de alguns em relação a ele e à realidade (ou seja, a Igreja e, especialmente, o sacerdócio ministerial) pela qual ele havia dado a vida permaneceram.

Dois fatos muito peculiares aconteceram então.

O diretor da escola que havia causado a demissão do P. Tito em 1946 se converteu antes de sua morte e morre assistido pelo conforto dos sacramentos.

O juiz que havia condenado Tito a “25 anos de prisão dura sem liberdade condicional com perda dos direitos civis” (mas o promotor havia pedido a pena de morte para ele, mais tarde excluída “para não criar um mártir”) também se converteu e, mais tarde, de joelhos em Bratislava, pediu perdão publicamente por ter condenado os inocentes: os cerca de vinte padres salesianos que Tito havia liderado com risco de vida.

Até mesmo o limite mais obstinado a ser superado, o da dureza de coração, é assim “esvaziado por dentro” – pelo poder de Deus e pelo sacrifício de Tito: ele se abre para o perdão, a reconciliação e a paz. O P. Tito havia superado o limite ao vencê-lo.

2. Atualidade da mensagem do P. Tito Zeman, em diálogo com o P. Inácio Stuchlý.

O P. Tito sacrificou sua vida em defesa do sacerdócio. Ele queria, como dizem as fontes, garantir a próxima geração apostólica da Igreja, mesmo em tempos de perseguição.

Com sua vida perseguida e ridicularizada, o P. Tito Zeman parece estar muito longe daquela encarnação alegre e exuberante do carisma salesiano, típica do modo como é normalmente apresentado. Isso une Tito ao P. Inácio Stuchlý, que muitas vezes enfrentou condições difíceis e – em suas posições de governo – sempre experimentou o cansaço de servir, chegando literalmente ao ponto de tirar o pão da boca para alimentar os filhos.

Ambos viveram a dinâmica do *caetera tolle*, uma dimensão oblativo-vitimal que os

marcou na dimensão prática do fazer e do agir, que lhes era tão adequada: o P. Stuchlý *viu-se* repetidamente *roubado* das obras a que havia dado a vida para construir; o P. Tito, por outro lado, *viu-se dolorosamente roubado* da Congregação que amava, e por muitos anos (essencialmente: desde sua prisão em 1951 até sua libertação em liberdade condicional em 1964) experimentou o dilacerante sentimento de culpa por se sentir responsável por outros salesianos capturados com ele como parte da “terceira passagem” do rio Morava.

Essas características de suas vidas – daqueles *mistérios da dor* aos quais ambos rezavam com a própria carne – também parecem torná-los bastante distantes do contexto atual, que tende a remover as experiências de dor e de morte e se ilude pensando que pode reescrever as exigências de uma vida “digna” quando ela é eficaz e saudável; que sofre com novas formas de ideologia; que testemunha – não por requisição, mas por declínio – a contração ou o fechamento de tantas obras até mesmo na esfera eclesial.

Então – em diálogo com o P. Stuchlý – qual pode ser a mensagem do Beato P. Tito Zeman para os dias de hoje?

2.1. A fecundidade de um trabalho não é medida em termos de eficiência, mas de eficácia

Tanto o P. Stuchlý quanto o P. Tito viveram em circunstâncias históricas causadoras de sofrimento. A obediência os levou a realizar grandes coisas quando, pela lógica humana, nada deveria ter sido feito.

O P. Tito Zeman tentou até mesmo desvendar o plano do regime comunista para destruir a Igreja.

Inácio Stuchlý vive e trabalha em condições cronicamente precárias, onde o rápido florescimento das obras salesianas (devido em grande parte à sua dedicação incondicional) se alterna com o iminente colapso dessas obras sob a pressão de eventos externos. Ele também, como evidenciado pelos Atos processuais, sabia com bastante antecedência – por causa “daquela luz”, como argumenta uma testemunha, “que às vezes se acende nas almas dos santos” e que é um puro dom do Espírito – que a obra salesiana tcheca seria dispersa e que ele morreria na solidão. Portanto, ele não só trabalhou em condições extremas, mas trabalhou com dedicação e alegria inabaláveis, mesmo sabendo que um fim dramático estava se aproximando.

Tito e Inácio ensinam que as exigências mais elevadas de obediência a Deus e à Igreja nos impelem a agir *mesmo quando prevemos que os frutos externos de tais obras serão de curta duração, ou podem parecer limitados e precários*.

Tito se comprometeu com as travessias sabendo que seria impossível salvar todos

ou *muitos* clérigos salesianos, mas apenas *alguns* (que ele escolheu com base na resistência física [necessária para uma viagem a pé, atravessando o Morava a nado e nos Alpes austríacos e do Alto Tirol em meio a temperaturas congelantes] e na aptidão para o estudo).

O P. Stuchlý previu que faltaria perseverança a alguns jovens; e observou como o número da nascente Congregação Salesiana na República Tcheca permaneceu, embora promissor em alguns anos, ainda assim baixo em comparação com as muitas necessidades da Igreja local.

Nem Tito nem o P. Stuchlý, porém, se deixaram desencorajar.

Para eles, a bondade de um empreendimento não coincide com seu impacto externo qualificado. Assim como Abraão deixa seu país confiando, ou os discípulos seguem Jesus sem ainda conhecê-lo bem, e só depois e em retrospecto entendem a razão desses gestos aparentemente irracionais, assim também Tito e Stuchlý agem em um momento de cansaço, de obscuridade, de não total clareza: é falso que a verdade de uma busca só aparece em momentos de luz meridiana e iluminações interiores. Até mesmo Tito, como já lemos, recebe a luz decisiva em janeiro de 1952 (mas ele estava se dedicando às travessias desde o verão de 1951).

Tito e Stuchlý, como a noiva no Cântico dos Cânticos (que significa a Igreja), “levantam-se” e “saem” para buscar “o amado de seus corações” quando ainda está escuro, sem esperar que a luz total chegue, porque então seria tarde demais. E isso não é um método “preventivo” à maneira de Dom Bosco? Um “método” preventivo que tem um sabor profético, como uma profunda capacidade de captar os sinais dos tempos?

Hoje sabemos que muitos dos jovens acompanhados por Tito se tornaram autênticos sacerdotes salesianos: mas naquela época eram meninos, até um pouco indisciplinados, que às vezes ele tinha de repreender.

Hoje sabemos que entre os jovens acompanhados por Inácio em Perosa Argentina havia um futuro cardeal (Trochta) e outras figuras importantes para a Igreja: mas na época eram jovens com futuro imprevisível em um grupo que não brilhava pela exemplaridade, entre os quais alguns fugiam da casa salesiana sem avisar, e entre os quais alguns até roubavam ofertas na igreja.

A eficácia de uma obra, portanto, não está necessariamente relacionada à sua eficiência ou à sua “sustentabilidade” imediata.

Tito pronuncia uma frase que, na aparência, é bela, mas que, na realidade, é chocante e terrível: “Minha vida não será desperdiçada, se apenas um (se pelo menos um) dos meninos que acompanho se tornar padre”. Apenas um: ou seja, uma vida, um padre, vale 18 anos de terrível tortura física, psíquica, moral e espiritual. E vale muito mais do que isso.

Será que nós – consagrados ou leigos de várias formas ligados à Família Salesiana – somos capazes disso, mesmo em meio aos inevitáveis condicionamentos externos, às expectativas e ao cansaço?

2.2. Tornar-se acompanhante dos jovens sem substituí-los na dificuldade da escolha

O P. Tito passou a maior parte de sua vida adulta longe dos jovens: nas prisões, lutou e sofreu com os colegas. No entanto, seus poucos anos de acompanhamento de jovens proporcionam preciosos elementos de discernimento sobre como acompanhá-los. Vou relembrar brevemente alguns deles.

- *Os “jovens” encontrados por Tito.*

O P. Tito está com os jovens há alguns anos, mas em uma variedade de contextos:

- como assistente;
- como professor de matérias científicas;
- como um bom esportista que os envolvia em jogos (especialmente vôlei ou tênis de mesa, em que ele era muito bom);
- como figura de apoio quando os jovens salesianos foram obrigados a trabalhos forçados na barragem de Púchov-Nosice;
- na travessia do Morava para salvar o sacerdócio deles;
- como irmão, embora estivesse no lado oposto da história: ele, um sacerdote salesiano, *foi torturado na prisão principalmente por agentes jovens ou muito jovens;*
- como testemunha sofredora da fé, em seus últimos anos, quando, em Vajnory, morava na casa do irmão e era obrigado a trabalhar na fábrica, tornando-se, entretanto, um “segundo pai” para seus sobrinhos.

Ele também conheceu pessoas que eram menos jovens em termos de idade, mas que “se tornaram jovens de novo” porque foram ajudadas a começar a viver novamente. Por exemplo:

- os prisioneiros, geralmente criminosos acusados de crimes graves ou até mesmo assassinos, que ele conheceu na prisão: a eles ele levou o primeiro anúncio da fé cristã. Eles são *jovens crentes* porque ninguém nunca lhes havia falado sobre Jesus, mas Tito e outros sacerdotes têm a coragem de fazê-lo, desafiando as represálias dos carcereiros;
- seus próprios perseguidores, alguns dos quais experimentam uma conversão intensa e, portanto, “nascem de novo do alto”, de acordo com a palavra do

Evangelho;

- finalmente, todos os prisioneiros a quem ele ajuda a se aproximar dos sacramentos (nas prisões, por exemplo, a comunhão era distribuída clandestinamente enquanto se aguardava o exame médico e, para marcar as confissões, recorria-se a estratégias como mudar a posição do boné ou parar para amarrar os sapatos); e todos os outros prisioneiros a quem ele o que ganha por seu trabalho para que possam obter bônus em alimentos, tão preciosos para a sobrevivência e, assim, capazes de retardar o declínio de suas forças.

Com relação a cada uma dessas categorias de pessoas, Tito exerce uma intensa pastoral de estilo salesiano, tanto como professor quanto como sacerdote, e, mesmo na prisão, quando se encontra como o último entre os últimos, como Dom Bosco enviado entre os prisioneiros de Turim. Tito é, portanto, um pai que protege, guarda e nutre.

- *“Com” os jovens, nunca “no lugar” dos jovens.*

Na grande diversidade de interlocutores jovens, um fato recorrente distingue a atitude de Tito: ele *arriscou* a própria vida para permanecer ao lado deles. No entanto, nunca, nem mesmo nas situações mais dramáticas, Tito tomou o lugar deles. Seu apoio como educador despertou a consciência deles e treinou sua liberdade. No entanto, Tito nunca induziu um comportamento facilitador, nem iludiu os jovens com uma boa atitude. Tito sabia que uma pessoa é educada, antes de tudo, confrontando-a com as consequências – às vezes dramáticas – de suas ações. Assim, como professor de ciências, ele orienta os jovens no raciocínio, mas deixa que eles encontrem a solução.

Como esportista, ele não permite que eles “vençam facilmente”, mas, por meio da dinâmica séria do jogo, desafia-os a aprender a ser homens, a desenvolver o caráter.

Como apoio deles quando se junta a eles na represa de Púchov-Nosice, Tito apareceu à paisana, evitando a vigilância dos guardas ao passarem pelos postos de controle, mas nunca usou sua própria bravura para fazê-los fugir.

Como responsável pelas travessias secretas através do Morava, Tito não aceitava todos os jovens, mas apenas aqueles considerados aptos, mesmo que recusar uma pessoa significasse expô-la à vida mais dura do regime. Além disso, Tito informou os clérigos sobre os riscos que corriam – incluindo a execução imediata – e impôs a eles, individualmente, que reservassem meia hora para reflexão em oração antes de confirmar sua participação na expedição (como seria bom se – assim como ao recitar o rosário nos lembrássemos daqueles “58 grãos” – durante a meia hora de meditação pela manhã todos pensassem que naquele período alguns jovens haviam

decidido expor suas vidas por amor ao sacerdócio e à Igreja!).

Na prisão, Tito é o primeiro a se prontificar a ajudar. No entanto, *ele renuncia a dar apoio, se isso significar entrar em acordo com o regime*. Por exemplo: ele é punido por ajudar um prisioneiro a conseguir um lápis (escrever na prisão era proibido); mas ele corajosamente reafirma sua dignidade como padre, mesmo que isso lhe cause transferência ou retaliação, resultando em seu distanciamento das pessoas para as quais ele havia se tornado um ponto de referência.

O P. Tito, fazendo sua a consciência que havia sido de Edith Stein, ela mesma mártir de um regime totalitário, lembra que “não se deve aceitar nenhuma verdade que seja desprovida de amor, nem nenhum amor que seja desprovido de verdade”. Portanto, ele defendeu a verdade mesmo que isso significasse deixar de amar algumas pessoas *sensivelmente*, porque estava separado delas por punição.

Agora, em liberdade condicional, ele se recusou a apertar a mão de pessoas que estavam em conluio com o regime: ele não as condenava, mas evitava que gestos de aparente amizade fizessem esquecer sua discordância com a ambiguidade arriscada em que elas viviam. Amar não é ser doce ou condescendente a qualquer custo!

Assim, Tito, na medida do possível, sempre permaneceu com os jovens e entre os jovens. Entretanto, ele nunca teve a intenção de substituí-los ou iludi-los de alguma forma. Para ele, dar a vida pelos jovens era, antes de tudo, ajudá-los a se tornarem protagonistas responsáveis por suas vidas. O fato de o próprio Tito tê-los educado para a normalidade da perseguição na história da Igreja mostra como ele os amava sem disfarçar qualquer risco ou dificuldade.

Hoje, muitos pais, professores e educadores acreditam que incomodam os jovens se os expõem demais, se questionam sua consciência com perguntas radicais. O P. Tito, com seu radicalismo, sempre soube como desafiar os jovens, mas também os apoiou para que não ficassem desanimados. E os jovens – ao contrário do que muitos educadores de hoje acreditam – entendiam Tito e eram gratos a ele. Lembram-se da meditação de meia hora em que cada um, antes de partir para Morava, tinha de decidir com total liberdade? Bem, ninguém jamais desistiu. Todos sempre escolheram ficar com Tito...

2.3. Ter a coragem de dizer não. Uma pastoral vocacional consciente

Tanto o P. Tito, mártir pela salvação das vocações, quanto o P. Stuchlý, formador da primeira geração de salesianos tchecos e parcialmente eslovacos, estiveram envolvidos nos desafios, na beleza e nas urgências da pastoral vocacional.

Há uma coisa que eles têm em comum. Eles sempre implementaram o discernimento e o acompanharam no discernimento, privilegiando:

- os fatos em vez das palavras,
- as ações em vez das intenções,
- os efeitos sobre as causas

embora também tenham sabido como:

- valorizar o sentimento interior do jovem,
- ser paciente com alguém impaciente,
- recebê-lo de volta de braços abertos quando, tendo cometido um erro, ele reconheceu seu erro.

Tito conheceu o P. Bokor, um mestre que o ajudou imediatamente a reconhecer os problemas, as dificuldades e os riscos do “sim”. Inácio foi posto à prova pelo P. Ângelo Lubojacký.

As cartas do P. Inácio Stuchlý aos jovens – retiradas das *Fontes Documentais* e já comentadas – também demonstram a grande firmeza do servo de Deus nesse aspecto: até mesmo um detalhe que pode parecer irrelevante para muitos hoje em dia – a falta de progresso no desempenho em latim de um garoto intelectualmente talentoso – pode se tornar importante. Boas habilidades interpessoais, o desejo de fazer própria a dinâmica oratoriana e o “amor” a Dom Bosco tornavam-se palavras vazias se alguém negligenciasse um pequeno dever e deixasse de ser um exemplo para seus companheiros.

Pelo contrário, aqueles que tinham dificuldades e precisavam de mais tempo eram sempre acompanhados com especial benevolência e amor. Os testemunhos relatam o comovente caso de José Vandík, mais tarde sacerdote salesiano, que era tão fraco em latim que chegou a se desesperar com seu futuro. O P. Stuchlý então o levou a sério e lhe deu aulas particulares em seu quarto, até que ele se tornou um dos melhores de sua classe. Encontramos escrito:

Lembro-me de que eu tinha muita dificuldade para entender a voz passiva do verbo latino. Quando ele percebeu meu desânimo, levou-me consigo para seu quartinho; explicou-me tudo e incentivou-me a não perder a fé, mas a invocar o Espírito Santo. E eu, consolado, depois de um mês, estava sempre algumas lições à frente de meus colegas.

Stuchlý não estava interessado no desempenho em “termos absolutos” (uma avaliação com base puramente no desempenho era, de fato, completamente estranha para ele!), mas na retidão da mente, na sinceridade do coração e na constância do compromisso.

Assim, tanto Tito quanto Inácio, paradoxalmente, acompanharam vocações qualificadas porque souberam dizer “não” a muitos: Tito recusando-os para as travessias; Inácio, por exemplo, mandando muitos de volta para casa nos delicados anos de 1925-1927 em Perosa Argentina.

Isso também é algo para se refletir, à luz do *Sínodo sobre Juventude, Fé e Discernimento Vocacional*. Ouvir os jovens é fundamental: no entanto, essa escuta não deve degenerar em passividade. O próprio jovem pede para ser orientado, se necessário com palavras firmes e decisões fortes. Só então ele, tão desafiador, comprehende que os adultos são sérios, que aquilo em que acreditam e com o qual comprometem a própria vida é digno de fé...: não é por acaso que alguns jovens, afastados dos salesianos, foram readmitidos de bom grado pelo padre Stuchlý, *porque compreenderam os erros do passado*. Mas foi necessário mostrar-lhes esses erros com certa firmeza.

2.4. Uma aplicação “extrema” do Sistema Preventivo

Tanto Tito quanto Inácio aplicaram o Sistema Preventivo de Dom Bosco de modo “extremo”, por assim dizer. Esse sistema consiste em “colocar – se fosse possível – o jovem na própria impossibilidade de pecar”. Quando, no auge do século XX, as ideologias eram, elas próprias, uma estrutura de pecado, Stuchlý sacrificou sua vida para afastar *fisicamente* os jovens do mal que se aproximava. O P. Stuchlý incentivou a fidelidade ao carisma mesmo quando ele era ridicularizado e combatido.

Ambos entenderam que os jovens – sedentos por respostas – não podem viver sem bons modelos. “Afastá-los do mal” significava, então, “propor a eles um bem, na verdade todo Bem, o Bem supremo” (para usar as palavras de São Francisco): por isso, ambos deram suas vidas. Tito foi mais rápido, morrendo com apenas 54 anos de idade. O P. Stuchlý, expondo-se ao desgaste de uma longa e laboriosa existência, na qual lhe foi pedido que mantivesse, para o bem dos jovens, o ritmo de um jovem quando já era idoso.

As palavras com as quais ambos são lembrados no momento de sua morte não devem, portanto, ser uma grande surpresa.

O P. Inácio Stuchlý é comparado a outro São João Maria Vianney e ao profeta Elias, cujo espírito é agora invocado sobre os salesianos. No funeral do P. Tito, o P. André Dermek disse:

É possível dizer que tudo entre a sua primeira missa e o seu funeral foi cheio de vida sacerdotal, religiosa e salesiana! [...] Acho que posso proclamar em seu nome, querido Tito, que você não rejeitou esse seu destino, não teve medo dele, não ficou

descontente com ele! Você o aceitou com submissão, em paz e alegria. Quem sabe com sua morte prematura você nos redime! Há mais uma coisa que devo dizer neste lugar e neste momento: o que você empreendeu não foi uma aventura, não foi imprudência nem foi um desejo de se destacar. Foi apenas amor pelas almas. Você nunca traiu seu povo, nem mesmo quando foi julgado e condenado. Não tenha medo, querido Tito. Seu sacerdócio não termina hoje, mas continua no sacerdócio daqueles a quem você possibilitou que se tornassem sacerdotes. Algumas dezenas de sacerdotes salesianos lhe agradecem pelo sacerdócio deles. Eles estão espalhados por todo o mundo. E a árvore deve morrer para que os brotos possam florescer [...] e essa árvore foi você, Tito.